

Projeto

Peça teatral

Telefone sem fio



Escrita e montada pela primeira vez no ano de 1997, a peça “Telefone sem Fio” trata de forma bem humorada das complicações vividas pelo ser humano no dia-a-dia em torno da comunicação – ou da falta dela.

Em 2004, com algumas adaptações no texto e acréscimo de mais duas personagens (eram seis), a peça foi apresentada sete vezes, na cidade de Brusque. Em 2005, foi apresentada no Congresso Catarinense de Recursos Humanos, na cidade de Balneário Camboriú e em Blumenau e Joinville, em empresas, através do setor de RH. Em 2010 participou do projeto Enter do Sesc de Brusque e fez turnê em seis cidades de Santa Catarina através do Instituto Catarinense de Pós-Graduação.



Voltada para todas as faixas etárias, a história é contada de forma clara e envolvente, durante cerca de 50 minutos, sem apelações nem uso de fórmulas e estereótipos de humor, como base para a construção de situações.



Além disso, através de seu enredo pode-se iniciar um amplo debate sobre o uso das ferramentas de comunicação nos dias atuais e sobre como seu conteúdo pode se distorcer ao longo de seu percurso. O “Telefone sem fio” que se desenrola nos remete à preocupação com a disseminação sem autoria e sem responsabilidade que circula diariamente nos meios de comunicação, principalmente na Internet.

Vivemos numa era em que todos nós, usuários, somos editores e publicamos as informações que nos chegam pela Rede. Por isso, a necessidade em se falar sobre credibilidade, clareza e responsabilidade com o que se passa adiante. Hoje, quem repassa um e-mail com conteúdo falso, é também culpado pela poluição na Internet, que prejudica e calunia pessoas, empresas e entidades. Não fomos preparados para ser emissores de informação, por isso há a necessidade em se debater este tema. E o teatro consegue mais uma vez fazer este papel, aliado a arte, trazendo assuntos da sociedade para a cena.

As personagens criadas retratam os “tipos” mais comuns encontrados na região do Vale do Itajaí, SC, e desta forma, criam uma aproximação e identificação com o público. Este, por muitos momentos vê a si mesmo ou alguém próximo na pele de algum personagem da peça.

A casa de Dona Dulce está sempre de portas abertas. Literalmente. É nela, mais exatamente na sala, que toda a história se passa.

A típica dona-de-casa cuida do neto - um bebê que sua filha teve e que não conhece o pai – e dos afazeres domésticos, quando é surpreendida pela entrada da vizinha Waldireny, uma manicure, noiva de um caminhoneiro, que lhe pede para utilizar o telefone.

Ao ligar para uma amiga que está no Rio de Janeiro, Waldireny escuta um forte barulho, seguido de silêncio ao telefone.

A manicure sai da casa de Dona Dulce dizendo que a ligação caiu, devido a um barulho semelhante ao de um tiro, e que mais tarde retornará para ligar para a amiga novamente.

Pronto! A confusão está feita. O que era apenas um barulho ao telefone transforma-se em tiro, em bala perdida, em assalto, e em homicídio, ao passar pela versão de cada personagem.

Dona Dulce conta tudo para Max, o filho da quitandeira, um pré-adolescente que costuma enxergar as coisas com “lente de aumento”. Max passa a história adiante acrescentando alguns detalhes ao contar para Seu Osmar, o marido aposentado e ranzinza de Dona Dulce. Este passa a história para Giselaíne Sueli, a nova moradora da Vila, uma gaúcha muito metida, que adora criticar tudo o que vê.

Ao ficar na sala aguardando a chegada de Dona Dulce, Giselaíne conhece a mística Salete, uma vendedora de incensos que trabalha numa loja ali perto, e conta a ela sua versão do acontecimento.



Assim como todos os personagens, Salete distorce os fatos ao narrar a história. Ela conta para Camila, uma menina de seis anos, como foi que tudo aconteceu. Camila passa adiante, adaptando mais ainda os acontecimentos, de acordo com seu ponto de vista. Ao ouvir a história, a pequena Taís, amiga inseparável de Camila, fica chocada, e sai para contar às outras pessoas.

É neste momento que retorna a manicure Waldireny, para ligar novamente para a amiga no Rio de Janeiro e saber o que, afinal de contas, aconteceu. Durante a conversa das duas, Dona Dulce entra (com uma coroa de flores nas mãos!) e ouve atentamente ao que se passa.

Por fim, desfaz-se o mal entendido, e Waldireny conta o pequeno incidente que ocorreu.



O elenco desta peça é formado pelas atrizes Lieza Neves e Patrícia Souza, que também assinam o texto e a direção.

As duas se revezam em monólogos e diálogos para poder interpretar todos os personagens.

- Lieza Neves (Waldireny, Max, Giselaine Sueli e Camila)
- Patricia Souza (Dona Dulce, Seu Osmar, Taís e Salete)



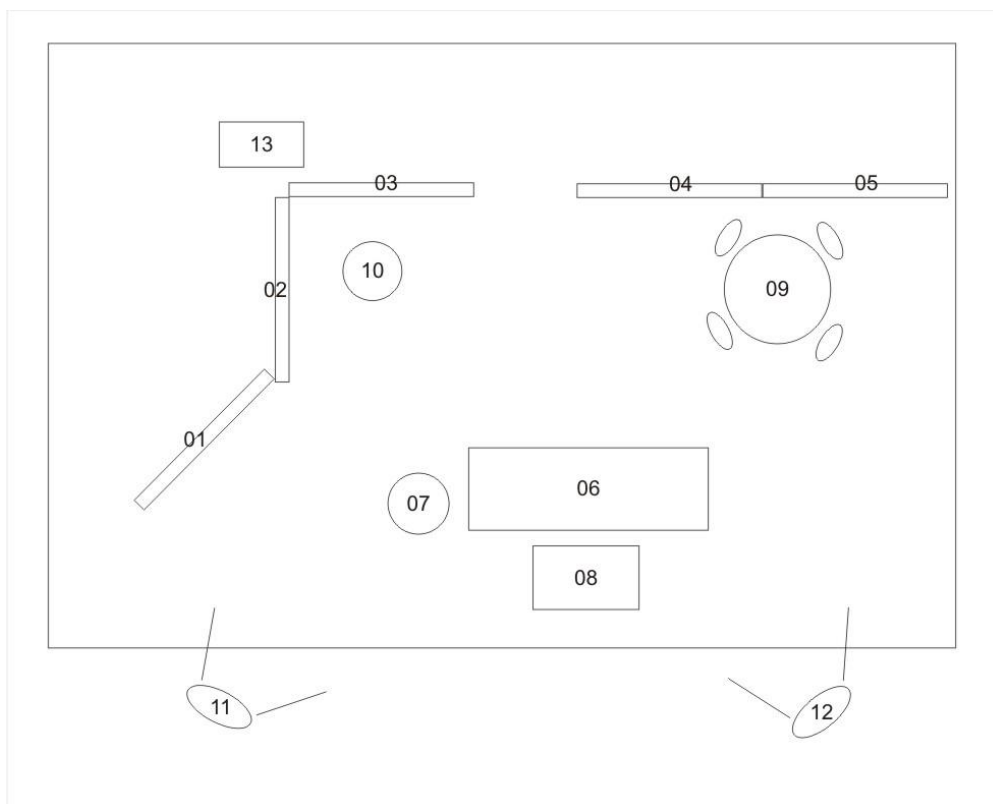


Necessidades técnicas para apresentação

Para a montagem do cenário da peça “Telefone sem fio” é necessário um espaço com cerca de 4m X 3m, com duas saídas de cena (ou coxias). Essas saídas precisam estar ligadas nos bastidores, pois a mesma atriz utiliza ambas, em momentos diferentes, havendo troca de figurinos entre um e outro.

É necessário ainda um aparelho de som com amplificadores, para execução da trilha sonora.

Para a composição da cena são necessários um sofá, uma mesa de centro e uma mesa pequena ou carteira escolar. Estes elementos podem ser levados pela equipe da peça, havendo neste caso acréscimo no orçamento devido ao transporte e frete.



- 01 a 05 – biombos para formar as saídas de cena (se no local houver coxias não são necessários biombos, pois as duas saídas serão feitas por elas, em lados opostos)
- 06 – sofá de dois lugares
- 07 – banqueta para apoiar o telefone
- 08 – mesa de centro
- 09 – mesa com quatro cadeiras
- 10 – banqueta para apoiar o rádio
- 11 e 12 – luz amarela constante
- 13 – aparelho de som para CD

* os itens 01 a 05 e 11 e 12 são de responsabilidade do contratante, os demais elementos o grupo possui e se compromete a transportar.

* a trilha sonora é executada pelas atrizes nos bastidores, no decorrer da peça.



Contatos

Lieza Neves

(47) 3355 3577 / 99915 6634

liezaneves@hotmail.com

Patrícia Souza

(47) 3351 1744 / 99977 6965

patricia2704@hotmail.com